



Ariele S. Santos

**RE
FILE
XOS**

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

Reflexos

Cinco ou seis gritos ecoaram na madrugada acordando a moça. Não sabia se era sonho ou real, os gritos ainda soavam como um eco dentro de seus ouvidos e ela mal conseguia focar os olhos nas horas incertas do relógio. A vista embaçada de sono e a visão ruim devido à falta dos óculos não contribuía. Organizou os pensamentos, acalmou a mente e se pôs a ouvir os sons ao seu redor primeiro, não importavam as horas, havia ouvido gritos.

E de repente uma sensação estranha encheu-lhe o peito, não conseguia respirar, um gelo descendo por todo seu flanco revirou sua barriga, tudo vindo direto de sua mente em pânico que alarmava o corpo todo. Sentiu que estavam gelados também seus pés e as mãos. Alcançou os óculos na mesa de cabeceira, viu as horas, ouviu o silêncio da madrugada preenchendo o quarto vazio e em branco. Não era nada.

Os gritos haviam cessado, mas dentro dela ainda havia o susto. Tentava de novo aquietar a mente, focar no silêncio que a abraçava agora e que era, de certa forma, acolhedor. Mas, e quem dera os gritos? Teria sido silenciado? Teria apenas se calado? Seriam de dor os gritos? Seria prazer?

A moça continuava a olhar pro vazio do quarto, sem ninguém para chamar na casa vazia, sem um animal, vizinhos desconhecidos e um frio que lhe doía as pontas dos dedos. Queria olhar a rua pela janela, mas sentia medo de ver um corpo abandonado, queria levantar-se e fazer um chá e chamar a polícia... Queria agir! Gritos haviam sido ouvidos bem perto dela e seus sentimentos diziam que ela precisava fazer algo, seu cérebro alertava perigo. E se os gritos fossem dela? Quem ligaria?

Com este pensamento pegou o telefone celular, discou e avisou que ouviu gritos, uns cinco ou seis em tom agudo e que depois cessaram, disse para policial que imaginava que haviam sido de dor, que algo ruim tinha acontecido e ao desligar se perguntou: será que de tanta solidão não havia se esquecido como eram os gritos de prazer?

Horas depois, quase quando já pegava de novo no sono, ouviu tiros disparados bem perto de si. Abriu os olhos e olhou pela janela como se fosse um reflexo, um corpo negro no chão da rua, às cinco da manhã. A polícia não veio.

E se fosse ela no chão da rua a agonizar? Não tem justiça, pensou. Não existe nada, um corpo negro de uma mulher no chão frio, solitário e já sem alma. A moça se sentia olhando no espelho enquanto ligava mais uma vez para polícia, informando que mais uma vez havia um corpo negro chão e que ninguém havia feito nada.

Ícaro

O menino voador corria pelo morro todo dia de camiseta vermelha, short velho e surrado e o cabelo sempre bem *raspadim*, com desenhos nas laterais que o tio fazia. A mãe sempre prezava pelo corte mais asseado para evitar os piolhos que sempre estavam nas cabeças da criançada do bairro.

“O menino voador”, assim era chamado pelos vizinhos que sempre o viam correndo atrás da bola, brincando com os cachorros, com os amigos, procurando a pipa, indo encontrar com mãe e, mesmo pequeno, já dividia com ela o peso das sacolas pesadas quando a mulher chegava com a compra do mês.

O menino pretinho, magrinho, tinha a voz doce, mesmo aos 10 anos parecia ter 7 e mãe por vezes o pegava no colo e dizia: “Meu menino doce, meu doce menino!”. Ele deixava que ela fizesse isso apenas quando estavam somente os dois em casa, longe dos outros garotos, para não passar vergonha. Mas, no fundo, ele gostava era do afeto, torcia para mãe chegar logo, torcia para que ela simplesmente chegasse e nunca desaparecesse.

À noite, ele falava a oração ensinada pela avó que há muito tempo tinha ido pro céu, ele decorou as palavras que a velha repetia com ele todas as noites e em seu peito era como se ela

ainda estivesse ali, dormia tranquilo e contente, ela o visitava em seus sonhos.

O menino conhecia todo o morro, todas as pessoas, saía cedo para escola, ficava por lá o dia todo, no fim da tarde descia e ia encontrar com a mãe no ponto. Ninguém mexia com ele, todo o mundo o protegia, todo mundo ajudava aquela família de dois que ascendia mesmo com tantas dificuldades. O menino lia livros que ninguém mais conhecia, a mãe retirava do salário um pouco para montar para ele uma biblioteca. Na escola, ele era educado, gentil, amigo, também era bailarino, o menino voava com delicadeza enquanto fazia uma de suas piruetas.

História engraçada a das piruetas, ele custou a aprendê-las, caía sempre, perdia o equilíbrio e ficava zozinho. Perdeu partidas de futebol na rua para ficar treinando e enfim, um dia conseguiu e nunca mais parou. Era seu passo preferido, ele sabia bem do que gostava: um passe de bola, uma pirueta, correr morro acima e morro abaixo. Ícaro gostava de ser livre.

De braços abertos em cima do morro, imaginava asas em seus braços como se ele fosse o seu irmão de nome da mitologia grega. O menino doce sorria nestes momentos e sentia o gosto do vento.

E um dia Ícaro, correndo pelo morro num sábado, sem escola, indo encontrar sua mãe no ponto do ônibus, de fato voou.

Rasgaram-se todas as roupas do menino. Neste dia, em que estava com a roupa bonita de sair: camisa branca, bermuda amarela, sapatinho que era uma mistura de tênis e sapatilha, o cabelo bem cortado. Ícaro conhecia bem certas histórias, de lugares bem perto dali, no porto, onde há muitos anos homens e mulheres como ele eram depositados como entulho, achava que era história antiga, mas que nada.

Ícaro, de olhos ainda bem abertos, via o céu ao ser carregado, sentia o peito encher rapidamente e queimava lhe na mesma medida, sabia bem o que era aquilo. Da mesma forma que sabia as histórias dos livros, ele sabia qual era o som do tiro e o cheiro da pólvora. Mas onde é que estavam indo? Seu corpo magro ia perdendo a força, o balanço de ser carregado por aqueles homens não era o mesmo de quando balançava nos braços de sua mãe. E a mãe, já teria descido do ônibus?

O menino de repente já não fitava mais o céu. Ícaro, o corpo pretinho e magrinho, desaparecera.

Do alto do morro ou do céu — não sabia ao certo, só sabia que via do alto — Ícaro voava. Perto do Sol e, ao mesmo tempo do próprio chão, ele adquiriu suas asas. O menino doce, o doce menino visitaria a mãe nos sonhos dela.

A dormência de Maria

Um dia, por puro descuido e da má posição ao dormir, o corpo inteiro de Maria adormeceu. Explico, começou assim, como num episódio de paralisia do sono, não conseguia mover as mãos, já acostumada com essas crises, respirou fundo e tentou começar a mexer com as pontas dos dedos — sempre funcionava começar das extremidades e depois chegar aos meios — mas dessa vez não, dessa vez os dedos não se moveram.

Era a vez de tentar então o braço inteiro, nada aconteceu. As pernas descansavam pesadas sob o colchão, quis gritar, mas, será que sairia a voz? Quis apalpar a cama em busca de alguém para ajudá-la a se mover, mas se lembrou que já dormia sozinha há 13 anos. Sentiu que as lágrimas lhe escorreram pelo rosto, pensou no filho que dormia no quarto ao lado, o que ele faria com uma mãe que não se movia?

Seus olhos percorriam o teto branco até o limite de seu campo de visão, temeu a presença de alguém no quarto, as lágrimas desciam quentes pela sua bochecha junto com suor, queria tirar todas as cobertas de cima de si. Estava completamente protegida por elas, mas se sentia exposta, indefesa e frágil na cama. Então gritou.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em outubro de 2023.
